

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 3 - Número 5 - Julho a Dezembro de 2006

[início](#)

O BEIJO NO ASSALTO: A DÊIXIS NO DISCURSO DIRETO SOB ENFOQUE COGNITIVISTA

Luiz Fernando Matos Rocha
UFJF

ABSTRACT: This paper investigates deixis phenomena in direct reported speech, using data from face-to-face interaction. Following Marmaridou (2000), Ruba (1996), Cutrer (1994) and Fauconnier (1994, 1997), it is argued that there is a mental space within speech domain which anchors the interpretation of deictic expressions and functions, in this case, as the base space (the discourse deictic center).

O fenômeno da dêixis (etimologicamente associado ao gesto de apontar) tem sido tradicionalmente descrito como o uso de certas expressões lingüísticas com o intuito de localizar entidades no contexto espaço-temporal, social e discursivo. Por exemplo: a utilização de pronomes de primeira e segunda pessoas, demonstrativos, advérbios e alguns verbos como “ir”, “vir”, “levar” e “trazer”. Estes elementos codificam aspectos do evento de fala e não podem ser interpretados sem se levar em conta parâmetros contextuais. Veja:

(1) Esse é de Antônio.

O dêitico “esse” localiza, por exemplo, algum objeto de Antônio no espaço. Sem informações contextuais, é impossível descobrir do que se trata. Poderia ser o carro, o lápis, o relógio de Antônio, etc. Por isso, segundo Fonseca (1996), a dêixis constitui o modo como está gramaticalizada a inseparabilidade entre a linguagem e contexto, atestando a gênese interacional da linguagem. Gouveia (1996, p. 412), por sua vez, afirma que dêixis

diz respeito ao conjunto de fenômenos responsáveis pela inscrição do sujeito na estrutura formal do sistema lingüístico, e que, na sua expressão em operadores lingüísticos particulares, os **dêiticos**, permite marcar, no enunciado, as circunstâncias da enunciação pelo falante num contexto singular, constituindo-se este, necessariamente, como ponto de referência para a sua descodificação.

Em geral, existem cinco grandes categorias que dizem respeito à dêixis: pessoa, que está relacionada à identificação dos participantes, bem como a seus

papéis no contexto de enunciação (**Você** vai viajar?); lugar, que localiza uma entidade no espaço (A casa de Cecília fica a dois quarteirões **daqui**); tempo, que situa o momento de algum evento de fala (Saia daqui **imediatamente** !); discurso, que aponta para fragmentos discursivos (**Na próxima seção** , discuto outra abordagem); e social, relativa à estruturação de distinções sociais entre papéis assumidos pelos participantes da enunciação (Já disse ao **senhor** que não faço a mínima questão de ouvir esses absurdos). Essa categorização tradicional é revista por Marmaridou (2000), assunto tratado logo a seguir.

1. REALISMO EXPERENCIALISTA

Marmaridou (2000) reivindica uma abordagem experiencial para a dêixis, propondo soluções para três problemas que surgem quando esse fenômeno é tradicionalmente apresentado. O primeiro é a relação entre dêixis de pessoa e dêixis social, que, para Marmaridou, não devem ser tratadas separadamente, pois ambas situam falante e discurso em um mundo social particular. O segundo diz respeito a inter-relação entre dêixis de tempo, dêixis discursiva e dêixis de lugar — esta última é considerada mais básica que as demais¹ Na visão experiencialista, tais inter-relações se dão através da conceptualização da dêixis, a qual se baseia em mapeamentos entre domínios. O terceiro ponto é que uma classificação rígida dos termos ou usos dêiticos torna obscuro o uso não-dêitico de termos dêiticos e o uso dêitico de termos não-dêiticos. Este aspecto é analisado à luz da teoria dos protótipos (ROSCH, 1973, 1977, 1978).

Uma das tentativas para solucionar esses problemas é a defesa de que a dêixis é conceptualizada em termos de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)² que estrutura um espaço-mental e é responsável pelo protótipo dessa categoria. Além disso, Marmaridou acredita que a dêixis deva ser entendida em termos do esquema imagético de CENTRO vs. PERIFERIA, o qual leva em conta a egocentricidade³ dessa categoria e as relações de distância entre o centro dêitico e o objeto da dêixis. Para ela, há uma rede de metáforas conceptuais que liga a dêixis de pessoa a dêixis social, por um lado, e a dêixis de lugar, de tempo e de discurso, por outro. Essas metáforas são explicadas pela hipótese da *especialização-da-forma* (LAKOFF, p. 283, 1987), em que as categorias são entendidas em termos de esquemas imagéticos.

Marmaridou propõe um estudo da dêixis baseado no realismo experiencialista, tratando o fenômeno como instância de uso da linguagem que estrutura a realidade e fornece experiência significativa. Além dos trabalhos de Rosch, leva em conta os de Lakoff e Johnson sobre semântica cognitiva, teoria dos modelos cognitivos idealizados e metáfora conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999).

A partir disso, argumenta-se que o MCI da dêixis estrutura todas as categorias de dêixis. De acordo com essa análise, a dêixis de lugar e a de pessoa se envolvem mutuamente, considerando que a dêixis social é baseada no entendimento metafórico de espaço social como espaço físico, que a dêixis de tempo é baseada no entendimento metafórico de tempo como espaço e que a dêixis discursiva é baseada no entendimento metafórico de discurso como tempo e tempo como espaço. Finalmente, Marmaridou afirma que a proposta experiencialista de dêixis pode explicar a interdependência da dêixis pessoal e da dêixis social assim como a “polissemia” dos termos prototipicamente

dêiticos, que não expressam apenas lugar, tempo e discurso, mas podem ser chamados de dêiticos enfáticos.

2. INTERPRETAÇÃO DE DÊITICOS VIA ESPAÇO-ALTERNATIVO

Ruba (1996), por outro lado, afirma que um dos problemas mais intrigantes para o analista do discurso é saber como o ouvinte encontra referentes para certas expressões, incluindo pronomes e outros elementos dêiticos. Por isso, ele investiga o problema de referentes que são localizados por dêiticos tais como “este lugar”, “aquele lugar”, “aqui”, “lá” e pronomes pessoais. Para ele, não é uma tarefa simples, pois elementos dêiticos não são sempre usados para se referir a elementos de situação de emissão imediata. É o caso dos dêiticos em discurso reportado por mim analisados na seção 3. Ruba se debruça sobre exemplos similares:

(2)-JF16: Tem uma parte do sudeste de San Diego que *você* desce, *você* vê todos esses teatros vietnamitas e tudo em vietnamita e quando eu percebo que tenho um tipo de sentimento, bem, que *eu* não pertença a *este* lugar, *este* onde os vietnamitas estão, eu não pertença “*aqui*”.

Para o falante de inglês, o pronome *você*, nesse contexto, não se refere ao ouvinte na situação de discurso. É de uso genérico, tal como pode ocorrer em Português. Por sua vez, os dêiticos locativos (*este lugar*, *aqui*) também não se referem a um lugar próximo dos participantes da interação, mas distante. Dessa forma, constata-se que a situação de discurso imediata pode não ser tomada como um domínio para encontrar referentes. No entanto, localizamos esses referentes. Então, como efetuamos isso? Ruba apresenta como alternativa as teorias da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991), Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) e Modelos Cognitivos (LAKOFF, 1987). O autor propõe alguns fatores, dentre muitos, para a interpretação dos dêiticos:

a) conteúdo semântico inerente ou valor de expressões dêiticas :

Os significados dos dêiticos são altamente esquemáticos, isto é, eles são parcialmente especificados, podendo, então, ser usados em várias situações de discurso: todos os falantes no discurso, cada um em seu turno, podem se referir a eles mesmos usando o pronome “eu”, o que não resultará em confusão (RUBA, 1996, p. 228).

No entanto, Ruba diz que essa esquematicidade pode ser problemática. Por exemplo: dois universitários estão passeando no campus quando um deles diz:

(2) Tô cansado desse lugar.

“Desse lugar” pode se referir à localização física do campus, à universidade de forma abstrata, à cidade onde o campus está situado ou ao estado/país onde o campus fica. Sem contexto, não dá para definir à qual situação “desse lugar” se refere. Para resolver a dúvida, o ouvinte diz:

(3) O que você quer dizer, esse campus, essa universidade ou o quê?

Em vários casos, senão na maioria deles, o tópico discursivo ou domínio serve para estreitar o número de possibilidades de interpretação.

b) **limitação dos referentes possíveis por meio de tópico discursivo ou domínio** : se esse tópico foi estabelecido com antecedência durante a conversação, o ouvinte é poupado de fazer a pergunta.

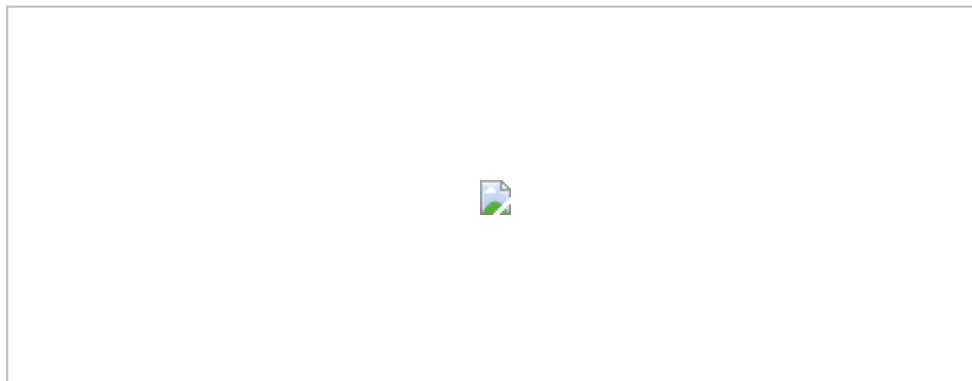
c) **uso estendido de dêiticos que são convencionais**: por exemplo, uso genérico de “você”.

Ruba (1996), então, examina:

- (i) os dêiticos em emissões, as quais podem ser caracterizadas como citações ou como discurso indireto livre;
- (ii) usos tais como “você”, que não parecem utilizar o contexto de enunciação.

Ele se concentra nos fatores a) e c), dizendo que a Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991) é usada para descrever o valor semântico das expressões dêiticas, como se referindo a alguns aspectos do nível de emissão, isto é, do contexto de emissão. Ruba (1996) quer saber como conseguimos estender usos os quais não são explorados em contextos, usos que envolvem **alternate grounds**⁴ (domínios ou espaços alternativos) para contexto real de discurso. Ruba leva em conta a teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994), que fornece **alternate grounds** de emissão, além dos Modelos Cognitivos (LAKOFF, 1987), que fornecem **frames**, aos quais os dêiticos podem se referir. O verbo “dizer”, por exemplo, é um **space-builder**⁵ que constrói um espaço que serve como um nível alternado para a representação dessas expressões a partir da sentença encaixada.

O conteúdo semântico é um dos fatores usados na interpretação das expressões dêiticas. A noção de **ground**, importante nesse sentido, inclui a de **setting**, que envolve, por sua vez, tempo e lugar do evento de discurso. A expressão dêitica é aquela que inclui o **ground** ou alguma faceta do **ground** no seu escopo de predicação [isto é, seu significado], como afirma Langacker (1985, p. 113). Especificamente, a expressão dêitica designa alguma entidade (pessoa, objeto, tempo ou lugar) e especifica a relação entre aquela entidade e um ponto de referência dentro do **ground**. A figura ilustra uma situação de discurso:



Legenda:

- A figura oval representa a situação de discurso
- F = falante (ponto de referência pressuposto para expressões dêiticas) (eu)
- O = ouvinte (você)
- t = tempo (agora)
- t' = tempo do evento de discurso (daqui a pouco)
- LOC = local do evento de discurso (esta sala de aula)
- x = objeto próximo ao ponto de referência (caneta)
- y = objeto distante do ponto de referência (caderno)

A expressão dêitica designaria um dos elementos representados nesta figura, e sua relação ao ponto de referência traçaria a semântica da expressão. Em inglês, somente duas relações são codificadas, proximal e distal (em português, há uma intermediária: este, **esse** e aquele). A figura ajuda a ilustrar a semântica dos dêiticos na maioria dos seus sentidos básicos. Em Gramática Cognitiva, uma expressão deriva seu valor semântico a partir de elementos contidos em sua base, mais o perfil de um desses elementos. Perfil é equivalente a designação. Elementos da base designados são os elementos que a expressão designa ou nomes (por exemplo: “profiling” F é criar uma expressão linguística que vai designar F, por exemplo, “eu”). Então, de acordo com a Gramática Cognitiva, devemos ter, em nossa representação do sentido do discurso, uma concepção do evento de fala para interpretar dêiticos no discurso. Ruba considera que o evento de fala real é a base prototípica para dêiticos, explorando o papel dos espaços mentais no fornecimento de eventos de discurso alternados para a interpretação de expressões dêiticas.

3. ANÁLISE DE DADOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL⁶

O foco central deste trabalho é examinar o fenômeno da dêixis nos limites do discurso diretamente reportado, adotando-se para tanto um breve *corpus* de interação face-a-face. Considerando os pressupostos teóricos já descritos, mais os que, à frente, vão servir de aparato para esta análise, como Cutrer (1994) e Fauconnier (1994, 1997), defende-se a existência de um espaço mental dentro do domínio de fala que serve de âncora para a interpretação de expressões dêiticas, o qual faz as vezes, nesse caso, do espaço-base, tido como centro dêitico do discurso.

3.1 Momento 1

Momento 1

F- (rindo) para eles aquilo ali é uma cidade. Porque a maioria ali não conhece outro lugar a não ser Campo Grande, não é? Muito mal vêm ao centro da cidade para resolver alguma coisa e volta para Campo Grande, é aquilo que eu te disse: Estão bitolado ali, sabe? Não sai dali para nada. Não procura o melhor para eles. É isso!

E - Escuta, e (inint) problema de assalto no bairro, assim, essas coisa. Você já foi assaltada alguma vez?

Este trecho ilustra a mudança de turno que provoca a narrativa do assalto. Depois que Sueli (F) tece comentários sobre moradores de Campo Grande (Rio de Janeiro, RJ), ela dá a deixa categórica “É isso!” para a entrevistadora (E) entrar, em seguida, com a pergunta. Assim, o tópico “assalto” começa ser focalizado, provavelmente em virtude de (E) obrigatoriamente necessitar prosseguir com a coleta de material para análises lingüísticas. Ou seja: é um assunto a mais para ser tratado dentro de vários outros já abordados com a informante. Este momento é relevante na medida em que através do questionamento, (E) instrui (F) a acessar determinado tipo de conhecimento sócio-cultural (MCI de assalto) através de um ato de fala diretivo que exige resposta verbal.

Em relação à fala de (E), nota-se ainda que o **space-builder** “no bairro”, que espacialmente restringe o campo de possibilidades de assalto, foi abandonado na pergunta. O **space-builder** “alguma vez” aparece em seu lugar ampliando as chances de a entrevistada ter sido assaltada e de o entrevistador garantir que Sueli prossiga com o assunto. Com a tentativa de instaurar o MCI, que é intrinsecamente de cunho genérico, (E) se torna mais segura disso. O **space-builder** pode, pelo menos nesse caso, fazer uma seleção prévia da dimensão do MCI que está sendo negociado. Se (E) mantivesse “no bairro”, (F) poderia dizer que nunca foi assaltada naquelas redondezas, mas em outro lugar. Conclui-se ainda que a resposta a essa negociação dependerá do conteúdo experiencial conceptualizado por Sueli.

3.2 Momento 2

A partir da instrução em forma de pergunta, (F), no início da resposta, já sinaliza que seu modelo sócio-cultural genérico sobre assaltos foi experiencialmente vivido, não somente adquirido via discurso reportado ou relato de terceiros. Daí a oportunidade em narrar o fato específico que aconteceu com ela.

Momento 2

F- Ai, nem me conta. Ai meu deus, que medo, que horror! (ri)
Olha, eu tenho um medo! Sabe? Não é [que]- que eu seja racista não, sabe? Mas eu não posso ver um pretinho na minha frente.
(est) Eu já estou correndo. (riso e) olha eu fui assaltada- foi na época, que eu estava estudando. Eu morava no Méier nessa época, não é? Mas eu estudava Sampaio. ("nem") que eu esqueci o nome da estação. Para lá de Sampaio. Eu tinha uma amiga que morava ali, não é? Então, eu fui para o Colégio, aí (inint)- o dia que eu saía dez e meia do colégio, nunca tinha sido assaltada. **Nesse dia** eu saí mais cedo, não teve aula no primeiro tempo, **falei: "Ah, vou é pra casa!** (pigarro)

A partir da configuração do MCI, os espaços mentais vão sendo criados para que se dê conta da narrativa⁷. O **space-builder** “nesse dia” projeta um espaço temporal que localizará os eventos subseqüentes dentro do espaço do dia em que ocorreu o assalto. Dentro desse espaço, outro **space-builder** “falei” estabelece um evento de fala de passado. Em consequência disso, conforme Ruba (1996), cria-se um espaço mental alternativo, que está disponível para a interpretação dos dêiticos.

Em virtude do significado do verbo “say” (neste artigo, equiparado ao valor de “falei”), este espaço mental retrata uma

emissão e conseqüentemente todas as partes de um evento de emissão, nomeadamente, um domínio, que inclui falante, locação de um evento discursivo, etc. (RUBA, 1996, p. 235).

Nesse espaço-mental alternativo, ocorre a fala encaixada “Ah, vou é pra casa!”, onde o verbo “vou” acumula dupla função dêitica: uma de pessoa e outra de tempo. O alomorfe sufixal “ou” (de “vou”), de primeira pessoa, revela que o “eu” de “falei”, também percebido por inferência desinencial, migrou, em função do *Princípio de Identificação*⁸, para o espaço-alternativo por conta do **space-builder** “falei”. O “eu” do espaço-alternativo é a representação que o “eu” do espaço-base faz de si mesmo dentro do novo domínio criado, apontando para alguém que é ele mesmo, só que em circunstâncias que dizem respeito aos momentos que precederam o assalto. O que autoriza esse “eu” do espaço-base a falar de si em outro tempo é a possibilidade de projeção mental entre domínios promovida pelo próprio sujeito cognitivo; no caso, o domínio, inicialmente projetado, é o de passado, com “falei”.

A dêixis de tempo sinalizada pelo verbo “vou” aponta para um futuro próximo dentro do espaço-mental de passado. Sabe-se que o verbo “ir”, em português, mesmo formalmente no presente do indicativo, codifica evento futuro, no qual o falante focaliza metonimicamente um ponto posterior ao ponto da trajetória em que se encontra. No caso de “Ah, vou é pra casa!”, a presença do verbo “ser” enfatiza o desejo de Sueli ir para casa, estabelecendo uma função contrastiva à medida que ela quer ir para casa e não para outro lugar.

Ao estudar verbos *dicendi*, Cutrer (1994), por sua vez, postula que, em um contexto onde ocorre discurso reportado, existem dois pontos de vista operantes (um relativo à base e outro ao falante de quem a fala é reportada). Por isso, Sueli pode falar do ponto de vista do aqui-e-agora e do ponto de vista de quem viveu determinada situação no passado. O espaço-de-fala e outros espaços a ele subordinados constituem o **domínio de fala**. Neste domínio, a fala reportada pode ser fato ou predição, e o acesso a ele pode ser obtido de três modos: via base; via espaço-de-fala; e da base via espaço-de-fala;

O discurso reportado do **Momento 2** é um exemplo de acesso ao domínio de fala através do próprio espaço-de-fala. A constatação da via de acesso é crucial para o estudo da dêixis na medida em que se pode detectar onde se localiza o ponto de ancoragem de determinada expressão dêitica em discurso direto. O diagrama abaixo sintetiza parte de toda essa argumentação sobre esse trecho da fala de Sueli:

Nesse dia eu saí mais cedo, não teve aula no primeiro tempo, falei: "Ah, vou é pra casa!"



Esse acesso está refletido na escolha do dêitico verbal “vou”, futuro em relação a “falei”. Segundo Cutrer, em um contexto mínimo, a expressão “falei” pressupõe a construção de três espaços: passado (M - estabelecido por “falei” no passado), base (estruturado **by default**) e espaço-inicial M1 (construído a partir do **space-builder** “falei”), sendo um espaço-filho do espaço-M e tendo um papel de ponto de vista inerente, rotulado de @. Este ponto de vista @ é preenchido pelo falante do evento de discurso reportado, no caso, Sueli, sendo determinado pelo valor tempo do evento de discurso reportado no espaço-M. Então, por exemplo, se o evento de discurso reportado está localizado precisamente às cinco da tarde de ontem, o ponto de vista @ está também localizado precisamente às cinco da tarde de ontem. M1 deve representar um período de tempo que minimamente inclui o período de tempo do evento “falei”, mas que pode ser mais largo. Com “vou”, cria-se M2, que é o espaço-futuro em relação ao domínio-passado, embora possa ser considerado passado quando relacionado ao espaço-base. Este espaço-passado ganha status de centro de ancoragem para o discurso encaixado, servindo de base para um evento futuro, que antecede o presente.

3.3 Momento 3

A narrativa de Sueli prossegue:

Momento 3

aí, fui em embora. Menina, quando eu ("estou") andando a PM, que eu ia passar na casa de uma colega, era cedo, não é? Na Vinte e Quatro de Maio, aí me atravessa um neguinho na estação de Sampaio. Um pretinho. Até que por ser preto, sabe, tinha uma aparenciazinha bonitinha. Uma feiçãozinha de branco. **Falei:**

“Que bom! (hes) É até companhia, né? Que ele está andando, eu vou seguindo os passo dele”. (inint) Medo, não é?

O **Momento 3** novamente ilustra todas as considerações feitas anteriormente em torno do **space-builder** “falei”, criando um domínio de fala, onde agora se localizam o assaltante e Sueli. O primeiro aparece apontado pelo verbo “é” através do sujeito desinencial e dos pronomes “ele” e “dele”. No entanto, estes elementos não podem ser considerados dêiticos. Marmaridou (2000) argumenta em favor da compatibilidade entre dêixis e não-anaforicidade. Para ela, dêixis envolve a identificação de uma entidade ou sua orientação espaço-temporal por referência direta ao contexto, aos papéis dos participantes e através de sinalização gestual ou simbólica. A necessidade de se fazer isso indica, então, que essa entidade e sua localização não foram estabelecidas no evento de fala. Por essa razão, no caso acima, há exemplos de anáforas e não-dêixis, que recuperam o assaltante via referência já feita no evento de fala (“um neguinho”, “um pretinho”). Sueli, por sua vez, se recupera utilizando novamente o dêitico de pessoa “eu”, agora explícito, que aponta para ela no contexto de discurso reportado. Novamente, o “eu” do espaço-base é projetado para o espaço-mental alternativo, via **space-builder** “falei”.

3.4 Momento 4

No momento 4⁹, uma seqüência de falas reportadas marca a inclusão de outras expressões dêiticas (negritadas), que também apontam para as circunstâncias do assalto, dentro do espaço mental alternativo. Este exercício prossegue com a tentativa de desvendar como o ouvinte encontra referentes para essas expressões, que só podem ser interpretadas a partir de parâmetros contextuais

Momento 4

Aí [ele]- ele me atravessa na estação. Aí, eu andando, não é? Aí quando eu olho assim, a sombra dele pertinho da minha. Aí eu pensei: "Ele vai me assaltar." Ah! não deu outra! Botou a mão no meu ombro. **“É um assalto”**. Ah, eu tremia tanto! Sabe?

O que salta aos olhos é o verbo ser em “**É um assalto!**”, que tem sujeito subentendido, o qual aponta para o tempo e espaço do espaço-mental alternativo já dentro do domínio de fala (“**É um assalto!**”). A construção subjacente seria: “**Isso** que está acontecendo aqui e agora é um assalto”. Esse “isso” oculto, mas dêitico, associado a assalto, pode ser considerado um caso de mesclagem¹⁰ de dêixis de lugar com dêixis de tempo, em virtude de apontar não somente para o lugar ou para o tempo separadamente, mas para as circunstâncias em torno do acontecimento, ou seja, para ambos ao mesmo tempo. Daí, pode-se afirmar que se trata de um uso dêitico não-prototípico. O diagrama abaixo ilustra a possibilidade de mescla, seguindo o que Lakoff (1987) estabeleceu como estrutura prototípica da categoria dêixis.



É interessante notar também que a fala do assaltante reportada por Sueli encaixa-se num contexto de enunciação que não conta com verbo *dicendi* explícito. Reveja: “Ah! não deu outra! Botou a mão no meu ombro (**dizendo**). ‘ **É** um assalto ’ ” . A possibilidade de se inferir que “É um assalto!” é fala do assaltante pode ser descrita pelo fato de se admitir que há um “dizendo” oculto, pelo diferencial prosódico entre a fala do narrador e a fala do sujeito reportado e pela marcas temporais distintas. “Botou a mão no meu ombro” está no pretérito perfeito e “É um assalto!”, no presente. Esse choque temporal só não se torna incongruente pela projeção de um domínio passado.

3.5 *Momento 5*

Em relação ao momento anterior, vê-se que um domínio de presente novamente foi ancorado num domínio de passado. Isso vai se repetindo ao longo da narrativa de Sueli.

Momento 5

Eu tremia. "**Vem cá!**", me puxou. ("Fosse") ele me assaltar, não tinha nada, sabe? Aí me assaltou. "Não tem dinheiro?" Eu falei: "Não tenho dinheiro, eu estou vindo do colégio". "Não tem mesmo?" Eu falei: "Não!" Falei: "Pelo amor de deus, me deixa eu ir embora que eu moro **aqui nessa** rua." "Você mora **aqui** nada!" Falei: "Moro **aqui** ! Eu estou **indo agora** para casa."

A expressão dêitica espaço-temporal “Vem cá!” logicamente não está ancorada no espaço-base, mas no espaço-inicial de fala (ou espaço-alternativo,

como afirma Ruba), que se projeta a partir do espaço-passado — trata-se de uma constatação válida para todos os dêiticos de discurso direto da narrativa de Sueli. “Vem”, no modo indicativo mas inferido como imperativo, aponta para a trajetória espacial a ser cumprida por Sueli dentro do tempo presente da narrativa (“vir” sinaliza chegada, enquanto “ir”, partida). Dita pelo assaltante, a expressão sugere que ela saia de onde está e vá em direção a ele, o que é reforçado pelo advérbio “cá” (local onde o assaltante se encontra). Como o MCI de assalto já está configurado, dentro desse universo específico de discurso, ninguém tem dúvidas de que “Vem cá!” é assim interpretado. Essa expressão dita numa carta, por outro lado, indica interpretação diferente: o remetente, por exemplo, desejaria que o destinatário o visitasse. Nesse caso, as dimensões espaço-temporais seriam outras, embora os significantes sejam os mesmos. Não ocorre ambigüidade ou erro na interpretação de um dêitico quando o MCI de determinado discurso, ou mais especificamente, o *frame*, está bem estabelecido. O fenômeno da dêixis prova que o contexto é altamente semiológico.

Segundo Gouveia (1996, p. 415),

Repare-se como, em termos de espaço, o dêitico *aqui* relativiza o posicionamento do sujeito ao longo de diferentes quadros de referência que podem ir, dentro da mesma unidade de discurso, do mais específico ao mais geral, i.e., que podem ir de *aqui à secretária do computador* até *aqui em Portugal* (para não falarmos de *aqui planeta Terra* ou *aqui Universo*).

Ainda no **Momento 5**, as três ocorrências de “aqui” apontam para a mesma entidade espacialmente localizada, que é a rua onde Sueli foi assaltada — “Falei: ‘Pelo amor de deus, me deixa eu ir embora que eu moro **aqui** nessa rua.’ ‘Você mora **aqui** nada!’ Falei: ‘Moro **aqui** ! Eu estou indo **agora** para casa.’”. Vale lembrar que a interpretação dessa seqüência de dêiticos em negrito só é possível via espaço-inicial de fala, que se localiza dentro do próprio domínio de fala. Não se trata de um “aqui” que se relaciona ao espaço-base. O mesmo se dá com o dêitico de tempo “agora”, inferível também via espaço-inicial de fala, o qual aponta para o momento específico do assalto.

O referente de “aqui” se torna claro em virtude da expressão “nessa rua”, cujo dêitico “nessa” tem uso proximal, oposto do distal, que seria “aquela rua”. Levando-se em conta a hipótese de Marmaridou (2000, p. 76) de que dêiticos não-prototípicos podem estar ancorados em prototípicos, considero essas três ocorrências casos de “aqui” não-prototípicos, porque não apontam especificamente para o local exato do assalto, ou seja, para a parte da rua onde aconteceu o assalto, mas, sim, para a rua como um todo — o procedimento é possibilitado por um processo metonímico. O “nessa”, de “nessa rua”, seria o dêitico prototípico que serve de âncora. Mesmo assim, “aqui” tem campo semântico redimensionado.

3.6 *Momento 6*

A noção de prototipicalidade também se aplica à dêixis temporal. Enquanto existem usos centrais, como o ocorrido no **Momento 5** (“Eu estou **indo agora** para casa”), o qual diz respeito ao momento concomitante com a fala original/reportada dentro do domínio de fala, há os usos não-centrais de “agora”:

Momento 6

Aí o pretinho me assaltou, cismou de querer me levar. Ai, meu

deus! Eu falei: "Meu Deus do céu! Que será de mim **agora**?" não é? Aí não deu outra. (inint) por baixo, não é? Eu com medo, eu me prendia, sabe? Para ele não ver minha reação. Aí ele falou um montão de besteira que minha cara caía no chão, eu já não tinha mais onde enfiar- eu sabia se eu chorava, não sabia se pedia pelo amor de Deus para ele deixar eu ir embora. Aí ele: "Então me dá um beijo". Eu falei: Ai, não!" "Vai me dar um beijo se não eu te deixo aqui mesmo, te dou um tiro na cabeça. Eu falei: "O que vai ser de mim **agora**?" Aí me veio um casal. Ele: "Não grita, que eu vou te deixar aqui. Puxa! Menina, pensou você ter que beijar assim (rindo) um homem estranho que você não sabe de aonde veio, (f) nunca viu mais gordo na sua frente! Aí ele: "Beija!" Aí eu fiz assim, não é? (beijando a mão) dei aquele beijo. Ele: "Beija direito!" Ai, menina! Aí <ti->- por fim, já não agüentava, tive que dar o beijo direito no rapaz. Aí, corri gritando, não é!

Em ambos os casos, “agora” não é somente concomitante ao momento do discurso original. Trata-se de um uso não-prototípico, porque “agora” aparece em (6) associado a um evento futuro, equivalendo a “daqui pra frente”. Os **Momentos 5 e 6** são demonstrações claras de que “aqui” e “agora” não têm que, necessariamente, estar vinculados ao aqui-e-agora do espaço-base. Podem estar atrelados a um espaço-mental alternativo (espaço-inicial de fala, segundo Cutrer), que serve de centro dêitico para falas reportadas dentro do domínio de fala.

3.7 *Momento 7*

Se não fosse esse aspecto anteriormente apontado, a fala negritada abaixo não poderia ser interpretada:

Momento 7

"Pelo amor de deus, socorro, socorro, que eu acabei de ser assaltada". Aí me passa um senhor de carro: "Que que houve, minha filha?" "Eu acabei de ser assaltada, moço!" "Ah, (hes) **isso aqui é assim mesmo** ." Eu falei: "Puxa, mas essa hora? Sete hora da noite?" Aí ("ele") você não quer ir na delegacia?" "Que que vai adiantar eu ir na delegacia? Agora que eu já fui assaltada? (inint) a polícia chegar aqui ele já está longe, já não vai nem mais adiantar." Agora, eu vou te contar, aquele dia eu passei um sufoco! ("eu agora,") eu ando sozinha, tenho um medo de andar sozinha. Eu vejo alguém ("aproximando") de mim, já estou eu correndo, não é? (est) Não ("quero") nem saber!

A seqüência dêitica acima destacada retoma o que Ruba (1996) questiona: como é possível encontrar referentes para esse tipo de expressão? “Isso” pode ser considerado caso de dêixis não-prototípica, uma mescla de dêixis de lugar com dêixis de tempo, como já foi mostrado anteriormente, referindo-se a assaltos em geral. Portanto, a expressão é inferível via MCI de assalto. “Aqui” diz respeito à rua onde ocorreu o evento com Sueli. Essa informação é obtida por meio de inferência, possibilitada pelo domínio de fala, o qual recupera momento e lugar do evento. A expressão dêitica “**assim mesmo**”, que pouco tem a ver com os cinco tipos tradicionais de dêixis, aponta as circunstâncias gerais que envolvem um assalto, sugerindo que é uma prática comum. Ela exerce uma ênfase no sujeito da oração, reforçando o grau de especificidade da situação a partir do uso da palavra “**assim**”. A palavra “**mesmo**” endossa esse

grau de especificidade da situação, como se fosse a reiteração de “assim”. Essa reiteração inspira a idéia de que a situação é corriqueira. Parafraseando o “senhor de carro”, teríamos: “Assalto nessa região é muito comum”. Talvez, por essas considerações, poder-se-ia dizer que se trata de um caso diferente de dêixis enfática, cuja função é estabelecer distância emocional entre o falante e aspectos do evento de fala, principalmente pelo uso de “isso”, já que a frase poderia ser “Aqui é assim mesmo”.

3.8 *Momento 8*

O **Momento 8** encerra a análise, trazendo em negrito uma expressão dêitica também distinta dos usos tradicionalmente descritos:

Momento 8

F- Ah, horrível! É horrível ser assaltada.

I-E aí esse moço foi o que deu carona (inint)?

F- É, ele me levou, não é? Até a casa dessa colega minha. Aí eu cheguei lá amarela, branca, verde, não sei que cor que eu estava. Ah! Eu fui lá no outro dia, tranquei a matrícula, não é? Já não estava muito a fim de estudar, o colégio já não incentivava muito, não é? "Não, eu não vou estudar. Agora mesmo que eu não quero mais estudar!" Aí fui lá e <tuim>, tranquei a matrícula. Foi quando eu parei de estudar na fase seis. [a; tranquei-]

I- [e as suas amigas (inint)?

F- Porque elas, sabe? Elas nesse dia, essa não foi ao colégio. A gente sempre vinha junto até uma certa parte do pedaço, não é? Eu apanhava [o]- o"ônibus quase no ponto, que era para mim vir junto com ela para ela não vir sozinha. Nesse dia, (inint), (riso) quem dançou fui eu .(hes)

E- Por azar você estava sozinha?

F- Estava sozinha esse dia. Que medo aquele dia!

E- (hes) realmente terrível, não é?

F- (confirmando) Vou te contar!

E- Mas ele não levou nada então?

F- Levou o relógio que eu tinha ganho de aniversário rio, não é? (est) Adorava o meu relógio, sabe? Ganhei o relógio. Aí me levou o meu relógio. Foi só o relógio só.

I- E um beijo.

F- Ah! E o beijo, não é? (risos) O pior, não é? O pior, não é? Antes ele tivesse me levado- (rindo) " Leva **tudo!**" (risos) (inint.)

O pronome indefinido “tudo” configura-se uma expressão dêitica que aponta para todos os objetos que estavam com Sueli no momento do assalto e que eram passíveis de serem roubados. A expressão se dirige a coisas que não foram explicitadas lingüisticamente, ou seja, aponta para objetos que não foram especificamente focalizados pelo falante, por exemplo, carteira, documentos, dinheiro, etc. Como então é possível interpretar um termo que se relaciona a alguma coisa invisível? A resposta cognitivista é: essa coisa pode não ser visual ou auditivamente perceptível, mas cognitivamente perceptível, via MCIs já socialmente adquiridos e disponibilizados interacionalmente. A expressão em destaque está inserida dentro de um discurso que tem o MCI de assalto já instaurado.

4. GENERALIZAÇÕES

Quadro sinóptico de generalizações obtidas a partir da análise de dados

- **dêiticos em discurso direto são usados para se referir a elementos de situação de emissão não-imediata, porque o tempo de reportação quase nunca é igual ao tempo do pronunciamento do discurso original;**
- **por essa razão, existe um espaço mental dentro do domínio de fala que serve de âncora para a interpretação de expressões dêiticas, o qual faz as vezes, nesse caso, do espaço-base, tido como centro dêítico do discurso;**
- **a constatação da via de acesso (via base; via espaço-de-fala; e da base via espaço-de-fala) é crucial para o estudo da dêixis na medida em que se pode detectar onde se localiza o ponto de ancoragem de determinada expressão dêítica em discurso diretamente reportado;**
- **o space-builder, dêítico ou não-dêítico, promove uma seleção prévia da dimensão do MCI que está sendo negociado;**
- **não ocorre ambigüidade ou erro na interpretação de um dêítico quando o MCI de determinado discurso, ou mais especificamente, o *frame*, está bem estabelecido no discurso;**
- **é possível interpretar um termo dêítico que se relaciona a alguma coisa invisível. Essa coisa pode não ser visual ou auditivamente perceptível, mas cognitivamente perceptível, via MCIs socialmente adquiridos.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de se detectar o sistema de ancoragem de dêiticos específicos que não estão relacionados diretamente ao espaço-base, mas, sim, ao domínio de fala, e a aplicação da teoria dos protótipos, dos modelos cognitivos idealizados e dos espaços-mentais ilustram o fato de que as ciências cognitivas podem revigorar os estudos que envolvem a Pragmática como disciplina. Admitindo-se, como Marmaridou, que existe uma base social e, ao mesmo tempo, cognitiva para a construção do sentido, no caso aqui mencionado, do fenômeno da dêixis, renovam-se os olhares sobre fenômenos largamente estudados. As expressões dêiticas passam a ser vistas como dispositivos de apontamento que estão disponíveis para um sujeito cognitivo imerso na dinâmica da interação. Com isso, o fenômeno é analisado em toda sua dimensão, da social à cognitiva, ou vice-versa.

No caso específico dos dêiticos que se localizam no ambiente de discurso diretamente reportado, o acesso à sua interpretação só é permitida se considerarmos a existência de projeções mentais entre domínios cognitivos, fundadas também na experiência. Isso vai ao encontro da idéia de que se trata

de uma categoria que não é coisificada ou estanque. A constatação, por exemplo, de um “você” genérico prova que a dêixis é matizada, sendo mais ou menos específica ou genérica, prototípica ou não-prototípica, de acordo com a focalização dos aspectos dos MCIs aos quais está associada. São os elementos da interação face-a-face que fornecem subsídios para o entendimento da dêixis via conceptualização das informações pragmáticas.

NOTAS

1. Greenberg (1985) percebe que, em inglês, existe uma tendência lingüística em se referir ao passado com um demonstrativo de distância (“that December”) e se referir ao futuro com um demonstrativo próximo (“this December”). Ele alega que o espaço físico serve como modelo icônico para o discurso; no caso, para o tempo.

2. O mesmo que modelos culturais genéricos (LAKOFF, 1987).

3. A egocentricidade é a característica que une todas as categorias dêiticas, pois todas se baseiam no falante como centro dêítico do evento de fala, por exemplo: a dêixis de pessoa foca o papel do falante; a dêixis de lugar, o lugar do falante; a de tempo, o momento em que o falante faz a emissão; a social, o status social do falante; a discursiva, a porção do texto em que o falante está.

4. Segundo Langacker (1985), “ground” é o evento de discurso, seu lugar e suas participantes.

5. Os construtores-de-espaço (**space-builders**) sinalizam a existência de constructos mentais específicos, permitindo a conexão pragmática entre domínios epistêmicos diferentes e a descrição da relação entre elemento e contraparte, seja em termos de imagem, crença, hipótese, tempo, drama ou volição. Eles criam um novo espaço mental (M) ou se referem a um já apresentado no discurso, podendo ser representados gramaticalmente por: locuções prepositivas (*no retrato*, *no filme*, *na mente de Carlos*, *em 1960*, *na loja de brinquedos*, *do meu ponto de vista*); advérbios (*realmente*, *provavelmente*, *teoricamente*, *supostamente*); conectivos (*se A então* __, *se* __ *ou* __) e combinações frasais sujeito-verbo (*Carlos acredita* __, *Ana espera* __, *Joana quer* __).

6. Esta análise de dados se debruça sobre um breve trecho da Amostra Censo, constituída entre 1980 e 1982, pelo Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL/UFRJ), em que a informante Sueli conta como foi assaltada (p. 132-3). Na época em que narrou o fato, ela apresentava o seguinte perfil: grau de escolaridade 4ª série, 24 anos, auxiliar de escritório, residente em Botafogo, Rio de Janeiro (RJ). Nesta seção, o trecho transcrito se apresenta fragmentado, do momento 1 ao 8, por conta da análise, que obedece à seqüência do texto de Sueli.

7. Em virtude de este trabalho se propor a investigar os dêiticos no discurso reportado, vamos nos deter aos trechos em que Sueli reporta as falas ocorridas durante as circunstâncias que envolveram o assalto. É preciso deixar bem claro que as falas aspeadas podem não ter sido proferidas de modo absolutamente fiel ao discurso original.

8. Um dos fundamentos básicos dentro da Teoria dos Espaços Mentais é o que Fauconnier (1994, p. 3) chama de *Princípio da Identificação* ou *Princípio de Acesso*, que diz: se dois elementos *a* e *b* podem estar ligados por uma função pragmática *F* (de acordo com G. Nunberg, estabelecemos ligações entre objetos de natureza diferente por razões psicológicas, culturais e localmente pragmáticas, e essas ligações permitem referenciar um objeto a outro), em que $F(b) = F(a)$, uma descrição de *a*, *d* *a*, pode ser usada para identificar sua contraparte *b*. O conector pragmático *F* liga dois domínios cognitivos (espaços mentais, segundo Fauconnier). Um deles é o espaço-base, onde estão a entidade-gatilho *a* e a entidade-alvo *b*. No exemplo de Fauconnier (1994, p. 6), “*O omelete de cogumelos saiu sem pagar a conta*”, há um conector pragmático *F* que liga dois domínios cognitivos.

9. A partir daqui, surgirão, durante a narrativa, expressões dêiticas já discutidas ou não consideradas momentaneamente relevantes para este estudo. Por isso, eu as abandono, a não ser que sejam importantes para análise das novas que forem aparecendo.

10. Termo cunhado por Fauconnier e Turner (1994, 1996), mesclagem (assim traduzido por Salomão, 1999) é uma operação cognitiva que consiste na integração de estruturas parciais de dois domínios distintos em uma única estrutura, localizada em um terceiro domínio com propriedades emergentes e próprias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUTRER, M. *Time and tense in narratives and everyday language*. 1994. 449f. San Diego: Ph.D. diss. - University of California, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: Adele Goldberg, ed., *Conceptual structure, discourse, and language*. Stanford: Center for the study of language and information (distributed by Cambridge University Press), 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Conceptual projection and middle spaces. *USCD Cognitive Science Technical Report*, 1994.

FONSECA, Fernanda Irene. Deixis e pragmática lingüística. In: Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia, *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. 437-45. Lisboa: Caminho, 1996.

GOUVEIA, C. A. M. Pragmática. In: Isabel Hub Faria, Emília Ribeiro Pedro, Inês Duarte, Carlos A. M. Gouveia, *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. 383-419. Lisboa: Caminho, 1996.

GREENBERG, J. H. Some iconic relationships among place, time, and discourse deixis. In J. Haiman (ed.), *Iconicity in Syntax*. Amsterdam and

Philadelphia: John Benjamins, 271-288., 1985.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh : the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. The form and meaning of the english auxiliary. *Language* 54, 1978.

LANGACKER, R. W. Observations and speculations on subjectivity. In John Haiman, ed., *Iconicity in Syntax*, 109-50. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 2: Descriptive Application. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1991.

MARMARIDOU, S. S. A. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MATOS-ROCHA, L. F. *Processos cognitivos de mesclagem no discurso reportado : o caso do discurso direto em textos jornalísticos escritos*. 2000. 91 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Lingüística) — Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000.

MATOS-ROCHA, L. F. *A construção da mimesis no reality show : uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado*. 2004. 254 f. Tese (Doutorado em Lingüística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

NUNBERG, G. *The pragmatics of reference*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1978.

ROSCH, E. Natural categories. *Cognitive Psychology* 4: 328-350, 1973.

ROSCH, E. Human categorization. In N. Warren (ed.) *Studies em Cross-Cultural Psychology*. Vol. 1 London: Academic Press, 1-49, 1977.

ROSCH, E. Principles of categorization. In E. Rosch and B. B. Lloyd (eds), *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 27-48, 1978.

RUBA, J. Alternate grounds in the interpretation of deitic expressions. In: Gilles Fauconnier and Eve Sweetser, *Spaces, worlds, and grammar*. 227-61. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

SALOMÃO, M. M. M. *O processo cognitivo de mesclagem na análise lingüística do discurso*. Projeto integrado de pesquisa do Grupo “Gramática, Cognição e Interação”. Juiz de Fora: UFJF, UFRJ e UERJ, 1999.

PAIVA, M. da C. de (org.) *Amstras do português falado no Rio de Janeiro* .
Rio de Janeiro: Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL), Pós-
Graduação em Lingüística, Faculdade de Letras, UFRJ/CAPES, 1999.